

SAMUEL BECKETT

A Última Bobina



Teatro da Rainha

Capa: Desenho de Edgar Marcelo

«Cada cabeça beckettiana é o lugar de uma procriação insensata, de um solilóquio generalizado onde o escravo engendra o senhor, o filho os seus progenitores, o homem ou mulher o seu cônjuge, o paralítico o seu comparsa cego, o ser os seus parasitas. O escritor franco-irlandês nunca cessou de explorar os circuitos de uma comunicação na qual o diálogo seria o astro morto e da qual não subsistiriam mais do que os satélites : solilóquio, monólogo, à parte e outras manifestações solitárias da linguagem.»

SARRAZAC, Jean-Pierre – *Théâtres du moi, théâtres du monde*,
Rouen, Éditions Médiannes, 1995.

ESTE KRAPP

Em 1989 fizemos um Krapp substituindo o magnetofone por um gravador vídeo. A aposta foi do nosso querido e saudoso Edgar Marcelo, sempre fascinado pelas novas tecnologias (desde o IDEC parisiense aos testes de fórmula um em Londres), que converteu em imagens as cenas áudio de Beckett. Filmámos o parque no Parque das Caldas, a sequência do lago na Lagoa de Óbidos e as visitas da prostituta Fanny, numas escadas esconsas do antigo casino. Com um grande rigor passional, os ensaios viram o sol despontar diariamente enquanto construíamos a ilha Krapp, o homem detrito.

Regressamos agora a Beckett e ao fundamento da peça, a palavra dita há trinta anos, sobre outra palavra então escutada, esta dita dez anos antes, escutada agora, trinta anos depois e tudo isto escrito como ficção biográfica projectada no futuro, no momento da invenção do magnetofone.

O que fascina é caber a vida numa meia dúzia de parágrafos : arte da economia, da contracção do tempo e da selecção dos momentos biográficos impostos pela própria memória, por um lado, e arte dramática, o conflito que entre o Krapp actual e o de há trinta anos se joga como um jogo entre estrangeiros dentro da cabeça, habitada pela mesma história, por outro.

E que nos resta a cada um de nós senão perceber que em nome de uma quimera, teremos optado por uma coisa ao lado da vida, que finalmente não nos preenche e nos converte em ilha?

Krapp é um texto sobre o amor, sobre a eleição de um instante, um instante entre os biliões de instantes que compõem uma existência, o momento em que Krapp/Beckett, na sua juventude, entrou nos olhos da amada durante um passeio de barco. « Passados uns instantes ela abriu-os, deixaram-me entrar ».

Krapp é uma peça sobre a impossibilidade do amor. Não?

A Última bobina de Samuel Beckett

«Quando Beckett escreve *A Última bobina* (1958), o magnetofone está ainda no começo e o autor vê-se obrigado a escrever à BBC para pedir informações sobre o seu funcionamento exacto. O magnetofone, enquanto objecto e máquina capaz de registar o som, palavras ou música, e de o restituir, torna-se o próprio fundamento da peça. Krapp, a personagem única, grava em cada um dos seus aniversários os principais acontecimentos do ano transacto.

Ele ouve uma bobina gravada trinta anos antes, ano charneira na sua vida, em que tudo se desequilibrou. É graças ao aparelho que o Krapp de hoje pode dialogar com o Krapp de outrora. A peça é antes de mais uma escuta, a escuta da sua voz tornada presente pelo magnetofone, com o qual Krapp mantém uma relação física e afectiva. Teatralmente falando, a peça não existe a não ser pela relação entre uma personagem e a sua voz, uma personagem e o seu duplo jovem, materializado pelo magnetofone. Este último transforma-se num outro, uma segunda personagem, que permite o diálogo, o conflito, o afrontamento entre os dois Krapp. A utilização do magnetofone é uma invenção dramática e cénica que joga com a economia dos meios (um actor, duas personagens) de que decorre toda a peça e que suporta todo o edifício.»

«Sujeitos à beira de ser, porque á beira de deixar de ser, estas personagens, velhas como o homem, têm um caminho inscrito no nome. [...] Krapp soa como a palavra inglesa “crap”, que significa “sujidade”, “porcaria”, por extensão “inútil”, que deu lugar ao verbo “to crap”, “defecar”. [...] Krapp é o homem-detrito, o homem-merda, porque está no limite do ser: lembremo-nos de Antonin Artaud no seu *Para acabar de vez com o julgamento de deus*, que foi gravado em Novembro de 1947 nos estúdios da radiodifusão francesa, onde Roger Blin, que viria a colaborar de perto com Beckett alguns anos mais tarde, pronunciava estas palavras: “onde cheira a merda, cheira ao ser”.»

BRUZZO, François – *Samuel Beckett*,
Paris, Henri Veyrier, 1991, p.101.

«Na sua radicalidade, Beckett (...) destrói as formas canónicas da literatura, abana as fronteiras entre os géneros e mesmo entre os modos – épico, lírico e dramático. A partir de *A Última bobina* – solilóquio de um sexagenário inteiramente ocupado com voltar a ouvir gravações de si próprio – começa a produzir-se em Beckett uma confluência do teatro com a prosa que será total no fim da sua vida.»

SARRAZAC, Jean-Pierre – *Théâtres du moi, théâtres du monde*, Rouen, Éditions Médiannes, 1995, p.181.

« O fazer andar para trás, várias vezes de seguida, a mesma bobina, e a sua redifusão repetida, em cena, não engendram o sentimento nauseado de tédio sobre fundo de monotonia, mas o de uma revelação possível pelo processo das “citações”. O princípio de funcionamento é pela primeira vez na obra, explicitamente, o da citação: cada frase da bobina, reconvocada, reproduzida exactamente, pelo meio técnico do magnetofone, deverá, ouvida de novo, com anos de distância, dizer, exactamente como uma citação, um pouco mais do que na época em que foi pronunciada; a peça representa a diferença de estatuto entre as palavras proferidas por “Krapp” em directo e as articuladas vários anos mais tarde, mas guardadas na bobina “em memória”.

O funcionamento dramático de *A última bobina* é exactamente o mesmo, dramático também ele, da obra [de Beckett] no seu conjunto. O que em *A última bobina* é verdadeiro em relação a uma frase antiga repetida muito tempo depois de ter sido dita e cujo sentido necessariamente “se deslocou”, é verdadeiro em relação a um texto antigo que um texto posterior reproduz, cita, com anos de distância, para o interrogar de novo. O que *A última bobina* revela é que cada livro, a partir do momento em que é citado, é semelhante a uma banda magnética que se volta a ouvir (“a ler”) : é uma memória.»

TEATRO DA RAINHA

O Teatro da Rainha surgiu em 1985 nas Caldas da Rainha. Em 1987 obteve um prémio nacional pelo conjunto da obra, atribuído pela Associação dos Críticos. Em 1990 associa-se ao CCE e funda o CENDREV. Esta associação desfaz-se em 99.

Entretanto, mantendo a sua autonomia jurídica, realizou “Esta Noite Improvisa-se”, a convite da Culturgest para a Lisboa/94 Capital da Cultura e “De Volta da Guerra”, de Angelo Beolco, coproduzido com a Casa Velha, em Maputo, Moçambique, a convite da Cena Lusófona, sobre a problemática da guerra civil que então terminava.

Com uma opção clara por um teatro ancorado na história e no real, a “Rainha” explorou territórios temáticos e formais situados entre a poética realista de Beolco e o anarquismo burlesco de O’Casey. Marivaux e Goldoni, por dentro deste espectro, não foram acidentes. Fazê-los foi falar dos fundamentos da actual sociedade de consumo. Marivaux e o amor venal, Goldoni e a moda.

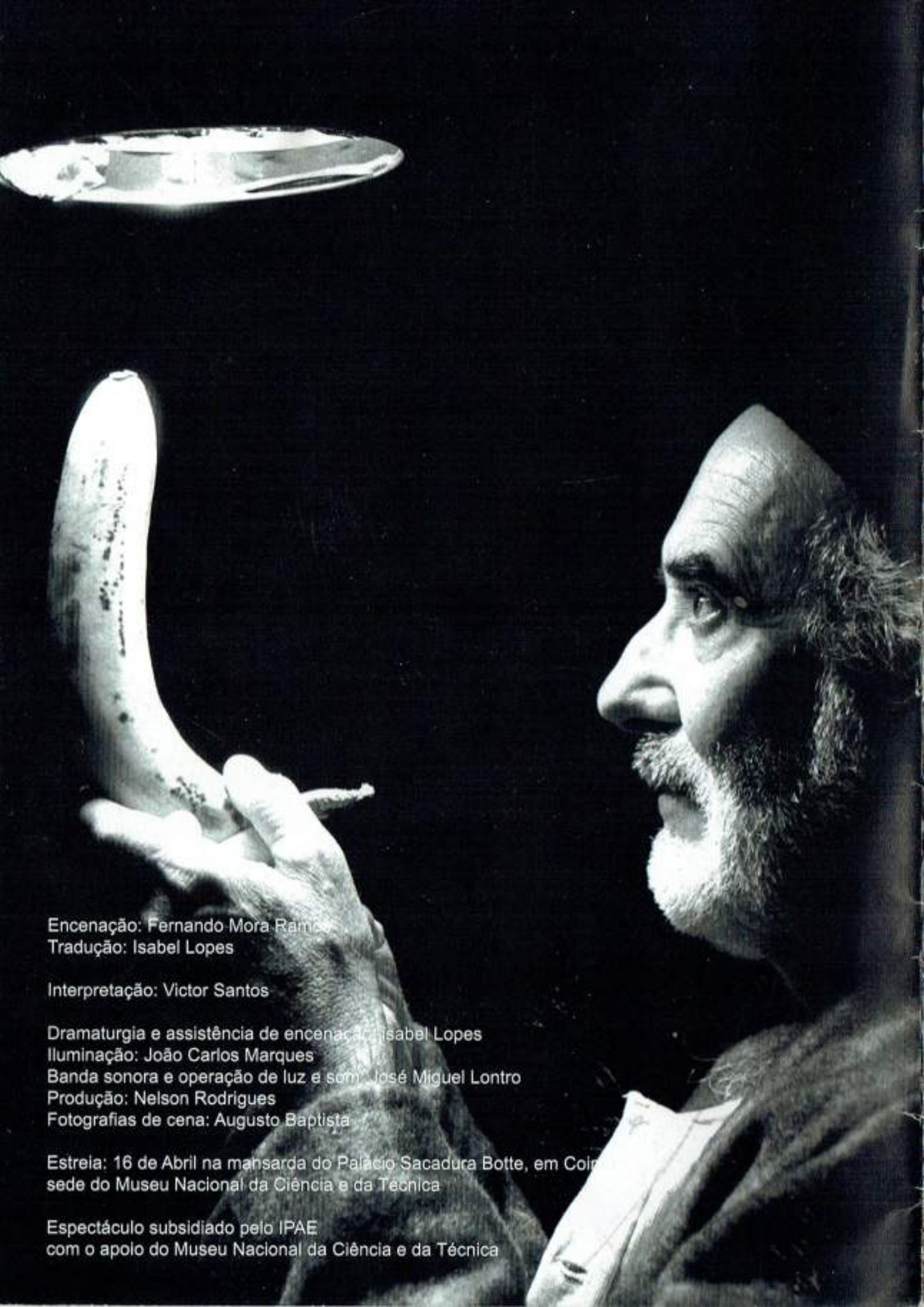
Outros autores se seguiram : Muller (Filoctetes) , Cristoph Hein (A hora do Lobo) e Beckett.

Mas também Gil Vicente fez parte do seu programa : “Auto dos Físicos”, “Farelos”, “Índia”, “Tantas maneiras de enganar”, viagem por vários autos, entre outras peças quinhentistas.

Em síntese: a Rainha realizou 18 espectáculos, mais de quinhentas representações, concretizando digressões por todo o país, em mais de uma centena de localidades e na vizinha Espanha. Fez espectáculos em espaços como o ANCA, a Culturgest, o Acarte, o Instituto Franco-Português, A Comuna, o Garcia de Resende, etc.

Recentemente subsidiada, A Rainha, está de volta.

Programa para 2002: "A Última Bobina", de Samuel Beckett, "Burlesco", com peças de De Filippo e Sean O'Casey e "Max Goerick" de Manfred Karge.



Encenação: Fernando Mora Ramos
Tradução: Isabel Lopes

Interpretação: Victor Santos

Dramaturgia e assistência de encenação: Isabel Lopes
Iluminação: João Carlos Marques
Banda sonora e operação de luz e som: José Miguel Lontro
Produção: Nelson Rodrigues
Fotografias de cena: Augusto Baptista

Estreia: 16 de Abril na mansarda do Palácio Sacadura Botte, em Coimbra
sede do Museu Nacional da Ciência e da Técnica

Espectáculo subsidiado pelo IPAE
com o apolo do Museu Nacional da Ciência e da Técnica